

## O ÉDIPO E AS ESTRUTURAS CLÍNICAS NO SEMINÁRIO 5 DE LACAN

Dulce Campos<sup>1</sup>

Em uma perspectiva diferente das demais Ciências Humanas, a Psicanálise constituiu-se por meio da percepção de que se fazia necessária a existência de uma lei capaz de disciplinar as pulsões humanas que punham em risco a vida social. Freud observou que essa lei, inscrita em uma anterioridade simbólica, era mediada pela linguagem: “*no princípio era o Verbo e o Verbo era Deus...*” Concomitantemente, inserida em uma operatória: no princípio era a ação, fazendo da palavra, ato.

Retomando as teorias do Édipo freudiano e o mito do pai da horda, Lacan incorporou a dialética desejo-lei à metáfora paterna. Critica Freud por sugerir um Édipo responsável pela invasão do materno e do pulsional na constituição do sujeito. Aponta para o complexo parental, propondo a substituição das teorias dos mitos por uma teoria de base antropológica apoiada em Lévi-Strauss. Considera o “nome do pai [...] suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei” (LACAN, 1953/1998, p. 279).

A distinção simbólica, imaginária e real serviu de base às suas reflexões para situar diferenças funcionais, variáveis intervenientes da triangulação: mãe-falo-criança; mãe-filho-pai. O genital, irrepresentável no inconsciente, deixou de ser referência na distinção entre os sexos. Surge no seu lugar a função fálica unificando o objeto do desejo – o falo – nos homens e nas mulheres. O falo permanece velado até o fim dos séculos pela simples razão de que ele é um “significante último” na relação do “significante com o significado” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 249). Lacan reconhece que o órgão sexual masculino desempenha importantíssimo papel, como representante do objeto de desejo (LACAN, 1957-1958/1999, p. 205). Para os seres humanos, haveria duas opções: ser possuidor do falo ou ser castrado. Em

---

<sup>1</sup> Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-mail: dulce.campos@globo.com.

torno dessa realidade, a dialética manifesta-se no sujeito: ser – não ser o falo; ter – não ter o falo.

O falo, objeto do desejo, elemento de universalização do Édipo desde Freud, mobiliza a criança no sentido de que ela se torne sujeito do próprio desejo. Lacan contesta a concepção do relacionamento criança-mãe como relação de objeto, dual, de uma ligação real. No momento em que essa relação parece concretizar-se, surge um terceiro imaginário, o falo, representado pelo pênis – órgão erétil que simboliza “o lugar do gozo, não enquanto ele mesmo, nem sequer como imagem, mas enquanto parte faltosa na imagem desejada” (KAUFMANN, 1996, p. 195). É também reconhecido por Freud como central na economia libidinal: se a criança é real e a mãe simbólica, existe entre elas o falo que suscita na mãe a inveja do pênis. Nos momentos de carência, a criança simboliza a mãe como pura potência de dom, que tudo lhe pode doar conforme sua vontade e por isso, a ela, a criança se sujeita.

Sobre o fundo da presença-ausência, a criança a simboliza no brinqueado do *fort-da*. Experimenta a ambivalência: em relação à mãe como presença de que quer livrar-se (*fort*); como ausência que a impulsiona a chamá-la para perto de si (*da*). Os vocábulos – *fort-da* – ainda mal articulados marcam a entrada da criança no mundo da simbolização. Modelo do amor materno, a mãe promete o que não tem. Criança e mãe constituem uma primeira realidade: a criança surge como aquela que busca o desejo do desejo materno. Não se trata de desejar a mãe, mas desejar o seu desejo, dando lugar a uma identificação primitiva com o falo desejado pela mãe. Frustrada pela mãe quanto ao objeto imaginário e privada do objeto real, a criança caminha na dialética da demanda e do desejo sem conseguir encontrar o que pode saciá-la e constatando que tal objeto se encontra em um aquém ou em um além da mãe como desejo impossível.

Nessa realidade da mãe que decepiona, o pai está presente de maneira velada, preexistente no simbólico da triangulação (KAUFMANN, 1996, p. 334; LACAN, 1957-1958/1999, p. 208). Somente vai tornar-se sensível e concreto à criança ao exercer a função privadora, quebrando a relação simbiótica entre mãe e filho. Age como normatizador, tornando-se necessidade da cadeia significante. Pode ser levada a perceber que a mãe também deseja alguma coisa além dela e só poderá consegui-la por meio do pai. A criança terá de renunciar ao falo para tê-lo de um outro que lhe poderá dar.

O triângulo mãe-desejo-criança na equação desejo do desejo da mãe enfatizada por Lacan já supõe uma “tripartição implícita” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 210). Como esse desejo é o falo, surge o desafio para o filho que, em um dado momento, deseja sê-lo para a

mãe e, em outro momento, deseja tê-lo. O pai doador só existirá por uma construção mítica, por trás da mãe simbólica. Trata-se sempre não de uma construção no real, mas no discurso concreto como metáfora. Enquanto simbólico, o Pai não é controlável, deixou no discurso o vestígio do Nome-do-Pai e só se efetiva em uma metáfora quando aí se põe literalmente no lugar do desejo da mãe. Ocupando o lugar desse Outro materno, a presença do Pai simbólico, onde esteve o desejo materno, vai revelando-se mais e mais: não é o pai biológico; não é o que ama a mãe acima de tudo; não é porque ele desempenha tais funções concretas atribuídas pela cultura. Trata-se de Um-pai que a mãe funda nessa posição de lei, de palavra final, de privador da relação materna fusionada com o filho.

Nos capítulos 10 e 11 do Seminário 5, *Três Tempos do Édipo*, Lacan convida à reflexão que permite correlacioná-los com as estruturas clínicas: psicose, neurose e perversão.

A posição do psicótico é narcísica, ele não entra no que se convencionou chamar relação de objeto. O objeto que com ele se funde e se confunde permanece sendo a mãe, e ele o seu falo.

Na falha radical do Nome-do-Pai, a criança encontra-se colada à mãe e ao desejo dela, esse Outro primordial e exclusivo, sem possibilidade de passagem para um Outro – o *Pai*. Na triangulação criança-desejo (falo)-mãe, a criança permanece aderida ao real, sem abertura para o Nome-do-Pai, o significante–mestre na constituição da cadeia. Não ocorre a metáfora paterna que assim se deveria constituir: a lei do pai deve ficar no lugar do significante: desejo da mãe. Para isso, a mãe precisa funcionar como a que funda, pela palavra, o lugar de um Outro equivalente à lei. Somente assim, trazido pela palavra da mãe, o Pai ocupará esse lugar, separando a estrutura psicótica da neurótica. É preciso que o pai real, não forçosamente o pai do sujeito, mas Um-pai seja chamado a esse lugar e assim reconhecido pela mãe. E que se situe em uma posição terceira, tendo “por base o par a-a’, isto é, eu-objeto ou ideal-realidade” (LACAN, 1957-1958/1998, p. 584), dizendo respeito ao sujeito no campo de agressão erotizada em que vive e que, ocupando o lugar do Outro como significante, funcione como representante da lei.

Já o perverso, elege o falo como existindo, de fato, no corpo da mãe, como ocorre em relação ao objeto fetiche. Ele se coloca acima da lei. Permanece em nível de gozo e não ascende ao desejo. Seu mecanismo é o da recusa. Em termos de estrutura, os perversos são julgados eticamente, considerados mau-caráter e delinquente. Isentos de culpa, denunciam as distorções do Ideal do eu e as dissonâncias do eu ideal.

A questão do neurótico é diferente: refere-se ao Outro, o Pai, como aquele que substitui o Outro-mãe e está para além dela e dele próprio. Não sendo lei, contudo, a representa na relação código-mensagem. Trata-se do sujeito barrado, submetido ao Outro, fala por meio dos sintomas que se diversificam em direção do desejo próprio.

A partir do segundo tempo do complexo, podemos falar precisamente do Édipo com a entrada do pai na relação mãe-criança. O Édipo do consenso, o que insere mãe e criança na lei da cultura, presença do “Não” do pai na relação aparentemente dual. A função privadora de pai surge na realidade abruptamente. Lacan comenta que a maioria dos tratamentos termina aí e cita Hans como exemplo dessa situação. Na posição de ser o falo da mãe, Hans defrontra-se com a chegada da irmãzinha, e o real desloca-se do imaginário. Contudo, como o significante já se encontra lá, no simbólico, ele cria a fobia do cavalo, fazendo suplência do Nome-do-Pai, permitindo-se viver a angústia como metáfora. Se não castrado pelo pai, torna-se castrado como o pai, ponto que determinou o desdobramento de suas escolhas amorosas posteriores (KAUFMANN, 1996, p. 336). Por meio do sonho em que um encanador onipotente era por ele convocado para substituir o pai, tentou livrar-se da fantasia de assujeitamento (LACAN, 1957-1958/1999, p. 196, 200), partindo para a construção do próprio modelo.

É sobre a mãe que a ação privadora paterna se faz, e sobre o filho, a ação castradora. Por esse caminho, a criança escapa da *verwerfung* (forclusão do Nome-do-Pai, primeiro tempo do Édipo), sofre o corte (*verdrängung*) – recalçamento do desejo –, segundo tempo do Édipo, passa do imaginário ao simbólico. O falo, simulacro dos antigos, é empreendido por Lacan em uma dupla linhagem: primeiro, em sua especificidade de significante ambíguo; depois, como representante da carência de gozo característica do sujeito em sua relação com o real (KAUFMANN, 1996, p. 194). Segundo a lei do simbólico, não nos constituímos como homem ou como mulher, senão pelo recalçamento e mesmo pelo repúdio do feminino-materno concebido como a marca da animalidade: por ser o real de mediação impossível (KAUFMANN, 1996, p. 142). No discurso, o sintoma fala, denunciando os deslocamentos e as substituições em decorrência do recalçamento do desejo inscrito no inconsciente.

Ao entrar no terceiro tempo, a criança defronta com um momento novo, privilegiado. Além de privador, o pai surge como aquele que promete à criança o que ela deseja. Promete porque o tem para doar – modelo do amor paterno (LACAN, 1957-1958/1999, p. 201). Com propriedade, constatou-se uma adição ao NÃO privador com o SIM do pai (GOMES, 2002). A promessa do pai, até então privador, torna esse momento fecundo e encoraja a criança a postergar a realização do desejo até que possa usar o objeto gratificante sem se sentir somente

esmagada pelas interdições. Pode viver esse momento como uma espécie de latência que lhe possibilita, enquanto espera, utilizar sua energia em produções artísticas e literárias (LACAN, 1957-1958/1999). Dizia uma criança a Freud: “Meu pai é galo; agora eu sou um frango, quando for maior ficarei galo.” (FREUD, 1913/1969, p. 188). A um analisante eu dizia: hoje você é pinto, mas vai ser galo. Como seu pai...: crescer, ter mulher e filhos.

Fruto da identificação com o pai surge o Ideal do eu. No triângulo simbólico, a criança se inscreve: no polo materno, começa a se constituir como tudo o que será realidade; no polo paterno, tudo o que será supereu. Daí constrói o eu ideal, voltando o amor para si mesmo como na infância gozava o eu real. No caso do homem, ele se torna viril na medida em que se constitui mais ou menos a própria metáfora, quando se faz um pai em potencial (KAUFMANN, 1996, p. 337). A mulher, não tendo de se identificar com a virilidade, caminha em direção ao falo, sabendo onde ele está, onde irá buscá-lo, indo em direção àquele que o tem. “Nas verdadeiras mulheres há sempre algo meio extraviado.” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 202).

Na dialética significante-significado, é necessário que alguma coisa da relação natural seja “amputada” a fim de que se torne o próprio elemento significante da demanda (LACAN, 1957-1958/1999, p. 200-202, 296).

Lacan (1957-1958/1999, p. 219) inclui a homossexualidade no contexto das neuroses como um problema de identificação, falha da metáfora paterna, surgida no segundo tempo e aparecendo no terceiro em nível de Ideal de eu, podendo ser atribuída a vários fatores: excesso de autoridade do pai com a conseqüente desvalorização da mulher, o que induz implicitamente o filho a procurar os portadores de pênis (falo) como pares sexuais, os sujeitos valiosos; o pai que, por amar excessivamente a esposa, a ela se submete e acaba por lhe conferir o poder; a mãe excessivamente zelosa do filho acaba por castrá-lo, supervalorizando-se como mulher e conduzindo-o a uma identificação do tipo especular.

### Questões

- O homossexual teria alcançado o terceiro tempo do Édipo, mesmo tendo começado a falhar no segundo, porquanto se trataria apenas de uma inversão na escolha do objeto sexual?

Lacan afirma que a homossexualidade é curável a despeito do que se diga em contrário. Tratar-se-ia de um processo de cura semelhante ao das diferentes neuroses, como

sintoma, no sentido de poder submeter-se a tratamento psicanalítico com os ganhos limitados que esse processo oferece?

- Na minha experiência clínica, nunca me foi demandada a cura desse sintoma. São outras incorrências do tipo das que se encontram nas neuroses de modo geral que trazem essas pessoas ou as mantêm em tratamento.

Lacan aborda a perversão nos capítulos do Édipo, levando-nos às questões:

- Estaria enquadrada na neurose como sintoma, ou seria uma estrutura à parte, ao lado da psicose e da neurose?

- Teria o sujeito perverso chegado à metáfora paterna e depois a recusado? Em que tempo do Édipo o sujeito se subverteria à lei, ou seja, a recusaria?

Mais adiante, ilustra a estrutura perversa, citando André Gide, que se teria fixado a um momento de sedução por ele vivido, precocemente, sem mediação, com a tia materna; e que nele parece ter tido efeito de trauma. Mais tarde, apresentou dificuldade em se constituir no relacionamento humano, somente o conseguindo expressar seu amor por meio de cartas literárias, enviadas à prima Madeleine a quem desposou. Era a filha da tia sedutora, muito amada pela mãe. Ele só conseguiu existir por meio dela com quem se identificou como criança desejada pela mãe. Assim preenchia o vazio do amor sem desejo, desviando-o para a escrita e elegendo-a objeto de amor supremo. Por identificação, fez dela Ideal de eu, centrando-se nele próprio, fixando-se eternamente apaixonado pela criança acariciada que desejou ser.

Já na viagem de núpcias, ao lado da esposa, seus pensamentos se dirigiam para os rapazinhos que encontrava no trem. Essa sua atração em termos de desejo, não o enquadraria, por certo, como pedofílico. Em torno da esposa, Gide gira em uma dependência mortal, vive uma forma de amor embalsamado, coisificado. O fato de não ter sido criança desejada pela mãe, e dessa condição assumida no relacionamento, foi a hipótese de Lacan que o teria marcado na origem: a falta de uma afetividade própria, a presença de uma afetividade esvaziada.

Não vejo como essas dificuldades de Gide possam enquadrá-lo no âmbito da perversão como estrutura, uma vez que ele não apresentou o caráter antiético, delinquente ou imoral na vida social. Como observa Lacan, tratava-se de um risco de todas as paixões que alienam o desejo em um objeto (LACAN, 1957-1958/1999, p. 270-271). Seus devaneios eróticos giravam em torno da criança que teria sido ele mesmo, apaixonado até o fim da vida por aquele menino, acariciado e desejado pela tia-mãe. Sua recusa ao amor incestuoso da tia,

amor sedutor e sem mediação (tratava-se de um amor incestuoso sem interdição de um terceiro) teria sido a marca de perversão a ele atribuída? Ou, ao contrário, revelaria sua adequação à lei contra o incesto, muito mais condizente com o sintoma em uma estrutura neurótica? Não uma recusa no quadro das estruturas clínicas, mas um sintoma, quem sabe, da ordem da inibição, da fobia... que ele estaria procurando manejar pela escrita literária. Seu desespero ao perder essas cartas parece apontar para uma neurose, perversão.

Ao colocar a perversão nos capítulos do Édipo, no âmbito das neuroses, admitimos, inspirados em Lacan, que algo se constituiria no contexto da dialética do ter ou não ter o falo, isento da patologia. A perversão de que Freud fala, em 1905, figura como estruturante na constituição do sujeito infantil por ele denominada perversão polimorfa, não a enquadrando como patologia (FREUD, 1905/1996; KAUFMANN, 1996, p. 415-423; LACAN, 1957-1958/1999, p. 268). No capítulo sobre o desejo e o gozo do Seminário 5, Lacan explicitará a perversão como estrutura.

Quando pensamos em cura do Édipo, não entendemos que isso se refira à sua dissolução ou superação. Suas marcas expressam a caminhada do sujeito, o modo como viveu a triangulação. Em Édipo, nunca se apagaram as cicatrizes nos pés amarrados para livrá-lo da predição dos oráculos. As sequelas do neurótico permanecem sob a máscara dos sintomas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

FREUD, S. *Totem e tabu*: alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 17-192. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13) (Texto originalmente publicado em 1913).

\_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-229. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 7) (Texto originalmente publicado em 1905).

GOMES, Manoel. O sim do pai. In: SIMPÓSIO DE BRASÍLIA DE 2002. *Trabalhos apresentados*. Brasília, 2002.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-1958). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 537-590.

\_\_\_\_\_. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 238-324.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.